ISSN: 2358-8829

CHATBOTS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIALN NO ENFRETAMENTO DA ANSIEDADE COMUNICATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONFIANÇA NO SPEAKING EM AULAS DE INGLÊS NO ENSINO MÉDIO PÚBLICO BRASILEIRO

Weriberlan Wanderley Monteiro [1]
Daniele Alves Gomes [2]
Maria do Socorro de Lucena Silva [3]

INTRODUÇÃO

Nas aulas de língua inglesa da escola pública brasileira, o *speaking* tende a ser a habilidade mais negligenciada, uma vez que o elevado número de estudantes por turma, a reduzida carga horária e a ênfase em atividades de leitura e gramática limitam as oportunidades de produção oral. Neste trabalho, adota-se a expressão "silêncio oral", elaborada a partir da experiência docente e de leituras sobre a temática, para designar a condição do estudante que compreende a língua, mas raramente se arrisca a falar. Tal comportamento dialoga com os estudos sobre ansiedade em língua estrangeira e disposição para a comunicação (Horwitz; Horwitz; Cope, 1986; MacIntyre et al., 1998).

Nesse contexto, a problemática consiste em investigar de que modo os *chatbots* de inteligência artificial, por possibilitarem a prática do *speaking* sem plateia humana, podem contribuir para a construção da confiança de estudantes do ensino médio. A justificativa fundamenta-se na escassez de estudos brasileiros acerca dessa prática no ensino médio público e na necessidade de compreender criticamente os usos e as limitações dessas ferramentas.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral discutir o papel dos *chatbots* de inteligência artificial na construção dessa confiança, a partir da produção acadêmica nacional dos últimos cinco anos. Constituem objetivos específicos analisar de que

[1] Graduando do Curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, ir.weriberlanwanderley@email.com;
[2] Graduando do Curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, danielealvesgomes1@email.com;
[3] Professor orientador: Mestre, Centro Universitário de Patos - PB, mariasilva@fiponline.edu.br.

maneira essas ferramentas propiciam um ambiente menos julgador, ampliam a prática da oralidade e oferecem *feedback* imediato, bem como identificar as limitações que condicionam o seu uso.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e analítico sobre o uso de *chatbots* de inteligência artificial na prática de speaking em língua inglesa no ensino médio brasileiro. O corpus foi composto por artigos científicos, dissertações e documentos oficiais publicados em português nos últimos cinco anos, localizados em bases acadêmicas de acesso aberto (Google Acadêmico, SciELO, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e periódicos indexados na CAPES), a partir da combinação dos descritores “chatbots”, “speaking”, “ansiedade” e “ensino médio”, articulados por operadores booleanos.

Foram incluídos trabalhos que tratassem, direta ou indiretamente, da relação entre ferramentas conversacionais de inteligência artificial e o desenvolvimento da oralidade em língua estrangeira, com atenção a estudos realizados em contexto de educação básica pública. Foram excluídos materiais sem relação com o ensino de línguas ou centrados exclusivamente em aspectos técnicos de programação de chatbots, sem articulação pedagógica. A leitura dos materiais selecionados orientou a organização das discussões em categorias analíticas, oportunidades de prática, redução da ansiedade, feedback e limitações.

REFERENCIAL TEÓRICO

As abordagens interacionistas do ensino de línguas partem do pressuposto de que a aprendizagem de uma língua estrangeira ocorre por meio da interação e da negociação de sentido entre interlocutores. Long (1996) argumenta que é justamente nos momentos em que a comunicação apresenta algum obstáculo, uma palavra desconhecida, uma pronúncia pouco clara, que o aprendiz é levado a reformular sua fala, processo que favorece a aquisição. De modo complementar, Swain (1985) sustenta que não basta compreender a língua, mas é preciso produzi-la, já que o esforço de formular enunciados compreensíveis (output) obriga o aprendiz a testar hipóteses gramaticais e lexicais. A perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1991), por sua vez, situa a aprendizagem

ISSN: 2358-8829

como um processo mediado, no qual o interlocutor, humano ou, hoje, artificial, cumpre função de apoio dentro da zona de desenvolvimento proximal do estudante.

Um segundo eixo teórico refere-se à ansiedade em língua estrangeira. Horwitz, Horwitz e Cope (1986) que definem a ansiedade de sala de aula de língua estrangeira como "um conjunto distinto de percepções, crenças, sentimentos e comportamentos" (Horwitz; Horwitz; Cope, 1986, p. 128, tradução nossa) vinculado ao processo de aprendizagem em contexto formal e distinto de outras formas de ansiedade, apontando a produção oral como o momento em que esse desconforto mais se manifesta. Décadas depois, a associação negativa e consistente entre ansiedade e desempenho em segunda língua foi confirmada, a partir de dezenas de estudos, por uma metanálise de grande alcance (Teimouri; Goetze; Plonsky, 2019), reforçando a relevância de se investigar estratégias pedagógicas capazes de atenuá-la. Essa discussão dialoga diretamente com o conceito de filtro afetivo proposto por Krashen (1982), segundo o qual estados emocionais negativos como ansiedade, baixa autoconfiança, falta de motivação, funcionam como uma barreira que dificulta a aquisição, mesmo quando o insumo linguístico está disponível e é compreensível.

Por fim, o terceiro eixo articula os estudos sobre motivação e vontade de se comunicar (willingness to communicate). MacIntyre et al. (1998) propõem um modelo situacional segundo o qual a disposição para se comunicar em uma segunda língua depende de fatores momentâneos, entre eles a autoconfiança linguística percebida naquele instante e naquele contexto específico, e não apenas de traços de personalidade estáveis. Portanto, é nesse ponto que os *chatbots* de inteligência artificial ganham relevância pedagógica ao constituírem um contexto situacional de baixo risco social, sem plateia humana e com disponibilidade irrestrita de tentativa e erro, esses sistemas podem alterar, ainda que localmente, as condições que favorecem a disposição do estudante para falar. Esse potencial de personalização e de prática individualizada, apontado como um dos principais diferenciais dos *chatbots* frente aos formatos tradicionais de ensino, já havia sido identificado em revisão sobre o uso dessas ferramentas na educação (Kuyven; Antunes; Vanzin, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos revisados permite organizar os achados em quatro categorias analíticas. A primeira delas diz respeito à percepção de um ambiente menos

ISSN: 2358-8829

julgador. Estudos como o de Silva (2020), que investigou percepções de ansiedade entre estudantes do ensino médio, e o de Vásconez Mera et al. (2026), que avaliou o impacto de *chatbots* baseados em inteligência artificial sobre a expressão oral em língua inglesa por meio de desenho quase experimental, convergem ao apontar que a ausência de uma plateia humana imediata reduz o receio de exposição ao erro, favorecendo tentativas de fala que, em sala de aula convencional, muitas vezes não ocorreriam.

A segunda categoria refere-se à ampliação das oportunidades de prática oral. Diferentemente da aula presencial, em que o tempo de fala de cada estudante é necessariamente limitado pelo número de alunos por turma, os *chatbots* permitem prática individualizada, repetida e disponível fora do horário escolar, o que responde diretamente à limitação estrutural de tempo de fala apontada como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento da oralidade na escola pública (Silva, 2020).

A terceira categoria envolve o feedback imediato. Os estudos revisados indicam que a correção fornecida por *chatbots*, de pronúncia, vocabulário ou estrutura, ocorre sem exposição pública, o que tende a ser percebido pelos estudantes como menos ameaçador do que a correção feita pelo professor diante da turma, aproximando-se do potencial de personalização das ferramentas conversacionais já descrito na literatura (Kuyven; Antunes; Vanzin, 2018). Essa dinâmica dialoga com o modelo de MacIntyre et al. (1998), na medida em que um retorno não punitivo tende a sustentar, e não a corroer, a autoconfiança linguística momentânea do estudante.

A quarta categoria diz respeito aos limites identificados na literatura. Em primeiro lugar, a infraestrutura: o acesso desigual a internet estável e a dispositivos adequados nas escolas públicas brasileiras condiciona a viabilidade do uso de *chatbots* em larga escala. Em segundo lugar, a formação docente: a literatura converge ao apontar que professores nem sempre recebem preparo para integrar pedagogicamente ferramentas de inteligência artificial, correndo o risco de utilizá-las de forma pontual e desarticulada do planejamento curricular. Em terceiro lugar, questões éticas relacionadas ao uso de dados de estudantes menores de idade, à qualidade nem sempre confiável das respostas geradas pela inteligência artificial e ao risco de uma dependência tecnológica que substitua, em vez de complementar, a interação humana. Esses limites reforçam que o potencial dos *chatbots* identificado nas três primeiras categorias não é automático: depende de mediação pedagógica crítica por parte do professor, que permanece figura central na definição de quando, como e com que finalidade a ferramenta é incorporada à aula.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da produção acadêmica nacional recente sugere que os *chatbots* de inteligência artificial se configuram como aliados potenciais no enfrentamento do medo de falar inglês entre estudantes do ensino médio da escola pública brasileira, ao oferecerem um ambiente percebido como menos julgador, mais oportunidades de prática oral e feedback imediato e não exposto publicamente. Esses efeitos, contudo, não substituem a interação humana nem dispensam a mediação do professor: os próprios estudos revisados indicam que a eficácia pedagógica dessas ferramentas está condicionada à superação de barreiras de infraestrutura, à formação docente para seu uso crítico e ao enfrentamento de questões éticas relativas ao uso de inteligência artificial com estudantes menores de idade.

Conclui-se, assim, que os chatbots devem ser compreendidos como recursos complementares, e não substitutos, do trabalho pedagógico com a oralidade, cujo potencial de reduzir a ansiedade comunicativa e de ampliar a autoconfiança dos estudantes só se realiza plenamente quando integrados de forma crítica e intencional ao currículo escolar. A revisão também evidenciou uma lacuna de estudos empíricos brasileiros voltados especificamente ao ensino médio e à habilidade de fala, o que aponta a necessidade de novas pesquisas que investiguem, em contexto real de sala de aula, os efeitos do uso continuado dessas ferramentas sobre a confiança oral dos estudantes.

Palavras-chave: Chatbots; Inteligência Artificial; Speaking; Ansiedade Linguística; Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

HORWITZ, E. K.; HORWITZ, M. B.; COPE, J. **Foreign language classroom anxiety**. The Modern Language Journal, v. 70, n. 2, p. 125-132, 1986.

KRASHEN, S. D. **Principles and practice in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

KUYVEN, N. L.; ANTUNES, C. A.; VANZIN, V. J. B. **Chatbots na educação:** uma revisão sistemática da literatura. Novas Tecnologias na Educação, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1679-1916.86019. Acesso em: 18 set. 2026.

LONG, M. H. **The role of the linguistic environment in second language acquisition**. In: RITCHIE, W. C.; BHATIA, T. K. (Orgs.). Handbook of second language acquisition. San Diego: Academic Press, 1996. p. 413-468.

MACINTYRE, P. D.; DÖRNYEI, Z.; CLÉMENT, R.; NOELS, K. A. **Conceptualizing willingness to communicate in a L2**: a situational model of L2 confidence and affiliation. The Modern Language Journal, v. 82, n. 4, p. 545-562, 1998.

SILVA, Mariana P. da. **Ansiedade na aprendizagem de línguas**: percepções de alunos do ensino médio. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192002. Acesso em: 18 set. 2026.

SWAIN, M. **Communicative competence**: some roles of comprehensible input and comprehensible output in its development. In: GASS, S.; MADDEN, C. (Orgs.). Input in second language acquisition. Rowley: Newbury House, 1985. p. 235-253.

TEIMOURI, Y.; GOETZE, J.; PLONSKY, L. **Second language anxiety and achievement**: a meta-analysis. Studies in Second Language Acquisition, v. 41, n. 2, p. 363-387, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0272263118000311. Acesso em: 18 set. 2026.

VÁSCONEZ MERA, P. L. et al. **Innovation in english language teaching**: chatbots based on artificial intelligence to improve oral expression skills. Revista Pertinencia Académica, v. 10, n. 1, p. 166-190, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.19616664. Acesso em: 18 set. 2026.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.